

A mulher nas Ciências Naturais: uma história de enfrentamentos e conquistas
The Woman in the Natural Sciences: A History of Confrontations and Conquests
La mujer en las Ciencias Naturales: una historia de enfrentamientos y conquistas

Recebido: 16/06/2019 | Revisado: 21/06/2019 | Aceito: 24/06/2019 | Publicado: 26/06/2019

Anaquel Gonçalves Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6811-5291>

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

E-mail: anaquelalbuquerque@gmail.com

Alcina Maria Testa Braz da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5424-9993>

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

E-mail: alcina.silva@cefet-rj.br

Resumo

Na contemporaneidade, muitas têm sido as abordagens sobre igualdade de gênero, reforçando a necessidade de ampliação das oportunidades educacionais e profissionais para as mulheres, de forma que esta não se limite mais aos papéis antes a ela atribuídos, de esposa, mãe e dona de casa. Entretanto, como desconstruir um sistema patriarcal e excludente que tanto tem contribuído para impedir o avanço da mulher na sociedade? Tendo em vista a relevância do assunto em questão, o presente artigo tem por objetivo discutir os preconceitos direcionados às mulheres na sociedade, dando destaque aos enfrentamentos vivenciados por aquelas que buscam ou buscaram atuar na área científica, enquanto espaço inicialmente representado como masculino. A abordagem se faz por meio de pesquisa bibliográfica, tomando por base o conceito de gênero para fins de compreensão do processo social discriminatório a que esta se expõe, juntamente à manutenção das desigualdades entre os sexos, que tanto corrobora ainda nos dias atuais para dificultar o acesso da mulher na Ciência. Por meio dos estudos apresentados conclui-se que apesar da crescente visibilidade e respectiva inserção da mulher na ciência, ainda há uma grande luta pela conquista do espaço das mulheres na carreira científica.

Palavras-chave: Gênero; Ciências; Preconceito.

Abstract

In the contemporary world, many approaches have been focused on gender equality, reinforcing the need to expand educational and professional opportunities for women, so that it is no longer limited to the roles assigned to them, as wife, mother and housewife . However, how to deconstruct a patriarchal and exclusionary system that has so much contributed to impede the advancement of women in society? Considering the relevance of the subject in question, this article aims to discuss the prejudices directed at women in society, highlighting the confrontations experienced by those who seek or sought to act in the scientific area, as a space initially represented as masculine. The approach is done through a bibliographical research, based on the concept of gender for the purpose of understanding the discriminatory social process to which it is exposed, together with the maintenance of inequalities between the sexes, which is still corroborated in the present day to hinder the women's access to science. Through the studies and data presented, it is concluded that despite the increasing visibility and respective insertion of women in science, there is still a great struggle for the conquest of women's space in scientific careers.

Keywords: Gender; Sciences; Preconception.

Resumen

En la contemporaneidad, muchas han sido los enfoques sobre igualdad de género, reforzando la necesidad de ampliar las oportunidades educativas y profesionales para las mujeres, de forma que ésta no se limite más a los papeles antes a ella atribuidos, de esposa, madre y ama de casa. Sin embargo, ¿cómo deconstruir un sistema patriarcal y excluyente que tanto ha contribuido a impedir el avance de la mujer en la sociedad? En el presente artículo tiene por objetivo discutir los prejuicios dirigidos a las mujeres en la sociedad, dando destaque a los enfrentamientos vivenciados por aquellas que buscan o buscaban actuar en el área científica, como espacio inicialmente representado como masculino. El enfoque se hace por medio de investigación bibliográfica, tomando como base el concepto de género para fines de comprensión del proceso social discriminatorio a que ésta se expone, junto al mantenimiento de las desigualdades entre los sexos, que tanto corrobora aún en los días actuales para dificultar el proceso el acceso de la mujer en la Ciencia. Por medio de los estudios y datos presentados, se concluye que a pesar de la creciente visibilidad y su inserción de la mujer en la ciencia, todavía hay una gran lucha por la conquista del espacio de las mujeres en la carrera científica.

Palabras clave: Género; ciencias; prejuicio.

1. Introdução

Ao traçar uma simples análise da trajetória histórica da mulher no mercado de trabalho e educação, nos é possibilitado perceber que esta tem se construído por meio de uma longa e difícil caminhada, marcada por inúmeros desafios estabelecidos pela sociedade, que se utiliza da categoria sexo para determinar os papéis atribuídos a cada indivíduo.

Ainda que em meio a uma incessante luta por direitos que foram negados às mulheres por várias décadas, sendo caracterizado por um contexto de exclusão, interiorização e inúmeras desigualdades, a mulher foi conquistando espaço na sociedade, até mesmo em ambientes antes considerados especificamente masculinos, como no campo da Ciência.

A imposição ao trabalho doméstico e os deveres com a família fizeram com que a educação fosse ofertada a elas tardiamente, contribuindo para a subalternidade e submissão feminina e utilizando-se do fator biológico como forma de justificar as aptidões adequadas a cada sexo.

Tendo por objetivo discutir os preconceitos direcionados às mulheres na sociedade, especificamente no que tange à área científica, verifica-se que todo este cenário discriminatório faz parte de um quadro de enfrentamentos e conquistas femininas que marcaram o ingresso da mulher na área das Ciências, expressando uma reflexão necessária a ser feita ainda nos dias atuais, visto que as diferenças entre homens e mulheres continuam sendo utilizadas para fundamentar as construções sociais e culturais dos indivíduos.

Neste trabalho a metodologia abordada segue a linha de pesquisa bibliográfica, utilizando-se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados (Severino, 2007), no intuito de que a partir dos estudos já realizados em pesquisas anteriores por grandes estudiosos da área de gênero e ciências possam ser estimuladas análises sobre o tema sob novos pontos de vista.

2. As Representações Sociais de “ser mulher”

As Representações Sociais expressam os conjuntos de explicações que se originam por meio das comunicações interindividuais da vida cotidiana, sendo constituídas a partir do trabalho mental do sujeito, que tem como resultado a formação de uma imagem do objeto, trazendo para perto o que estava longe e tornando familiar o que era estranho. Busca-se compreender os fenômenos sociais e a maneira como estes são captados, interpretados, visualizados e expressos no cotidiano pelos indivíduos ou grupos sociais. Desta forma, a

Teoria das Representações Sociais possibilita ao sujeito tomar consciência de seus pensamentos, de suas ideias, a visão de suas atitudes, levando-o a acumular conflitos e a encontrar uma maneira de tornar familiar aquilo que lhe é desconhecido (Silva; Sales, 2000).

O conceito de representações sociais apresentado por Moscovici (2003) é construído através da concepção de que “são sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como a conceitos com um estilo de discurso próprio.” (p.48) Desta forma, as representações sociais configuram como um processo dinâmico que se modifica à medida que penetra na sociedade, sendo apropriadas pelos diferentes grupos sociais escolhidos, mediante sua posição social, visões políticas e nível sociocultural, demonstrando que o saber científico é transformado em uma dimensão de senso comum, pelos diversos grupos estudados.

Para Jodelet (2001) a representação social constitui uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, sendo diferenciada do conhecimento científico. A partir da teoria das representações sociais nos é possibilitado compreender como se forma o conhecimento, de que forma pensamos e até mesmo a partir de que contribuições surgem esses pensamentos.

Pensar, então, na teoria das representações sociais implica reconhecer que elas se fazem presentes nos discursos políticos e no pensar social sobre fenômenos, tocando de maneira expressiva as realidades sociais, como a realidade política, ecológica ou ligada à saúde. (Veronese; Guareschi, 2007) Sob essa perspectiva, abordar sobre as representações sociais de ser mulher significa pensar nas relações de poder que se fazem presente em todas as relações interpessoais e sociais, sejam elas entre estado e indivíduo, pais e filhos, patrão e empregado, professor e aluno e principalmente aquelas que são estabelecidas entre homem e mulher, sendo geralmente exercidas pelo homem, como fruto de uma sociedade patriarcal, que se utiliza de violência para perpetuar as desigualdades entre os gêneros. (Priori, 2007)

Compreender as representações sociais de “ser mulher” implica, ainda, no reconhecimento de padrões culturais que lhes são determinados, onde o projeto educacional dominante já no período da colonização trazia como destaque o matrimônio, que podia se dar naquela época, desde que as meninas tivessem 12 anos completos ou até mais cedo, caso estas apresentassem ‘discrição e disposição bastante que supra a falta daquela idade.’ (Del Priore, 2017)

A diversidade de experiências vivenciadas pelas mulheres ao longo dos séculos nos leva à necessidade de focar sua história por evidenciar quem é esse ser social, como esta se articula com os fatos sociais que por ela são produzidos e do qual também faz parte,

compreendendo as diversas formas de violência das quais são vítimas e os mecanismos de resistência que são utilizados por elas, em meio às dificuldades que surgem nos mais diversos contextos históricos e sociais.

3. Gênero e Ciência

O conceito de gênero pode ser compreendido por meio da construção de normas e valores que organizam as relações entre homens e mulheres, bem como as relações dos homens e das mulheres entre si. Assim, toda forma de violência que acontece no contexto dessas relações constitui uma manifestação da violência de gênero. (Saffioti,2015)

O respectivo conceito está, ainda, diretamente relacionado à uma estrutura de dominação simbólica na qual o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas, de forma que o homem e a mulher são vistos sob 2 óticas distintas: superior e inferior. (Bourdieu,1999) Desta forma, a diferença biológica existente entre os sexos tem sido utilizada como justificativa para a diferença construída socialmente entre os gêneros.

Outra concepção de gênero se dá ao compreendê-lo como um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo a primeira forma de significar as relações de poder (Scott,1995). A partir desta lógica, torna-se possível verificar que as desigualdades de gênero se fazem cada vez mais presentes em nossa sociedade hierarquizando as diferenças entre os sexos e reforçando processos de diferenciação e de distinção, caracterizando como princípio da masculinidade uma necessária negação dos aspectos femininos, de forma que um só pode ser percebido a partir da diferença que possui para o outro.

Este processo de socialização do gênero tende a definir o que seria destinado aos meninos ou às meninas de uma forma geral, impondo à mulher a maternidade como seu papel principal, acrescido de cuidados com a casa e família. Consequentemente, complementando esta prática hierárquica, por meio da influência familiar, as mulheres são levadas a fazer escolhas dentro de padrões especificamente direcionados para elas, até mesmo no que tange à escolha de carreiras.

Exemplo disto pode ser encontrado na Ciência, que enquanto atividade humana, está sujeita a desejos, ambições e fragilidades, que tendem a deixar explícitas as diferenças existentes entre homens e mulheres, inferiorizando-as e remetendo-se a elas como indivíduos de menor aptidão para o exercício da Ciência, de maneira que em virtude do processo específico de socialização as meninas não eram estimuladas a adquirir qualidades como

sentido do espaço, agressividade, abstração, gosto pelo jogo, competitividade, sendo estas qualidades aparentemente requeridas para fazer Ciência. (Ferrand, 1994)

Esta suposta “inferioridade feminina” impediu durante muitos anos que a mulher ocupasse espaços predominantemente destinados aos homens, como na área das Ciências, sendo alvo de várias discussões, por estar interligada às relações de gênero, visto que a trajetória da mulher sempre foi marcada pela subordinação ao homem e o próprio campo científico foi construído por meio de regras e práticas andocêntricas, as quais acreditavam que a mulher não pudesse se encaixar. A territorialidade passa, então, a definir a vida das mulheres nas academias, “pois estas tendem mais a ensinar e pesquisar em Humanidades do que em Ciências Naturais e Engenharias. As mulheres têm presença em universidades de prestígio, mas raramente são convidadas a integrar universidades de elite.” (Hayashi, 2007)

Sobre isto, Barroso (1982) enfatiza que o próprio currículo trabalhado nos cursos de nível médio e profissional contribuiu para reforçar as desigualdades educacionais e preparar a mulher para o exercício de profissões consideradas mais adequadas ao sexo feminino. Hayashi (2007) colabora para esta compreensão ao citar que “ao longo da história, com raras exceções, percebe-se que o saber foi geralmente vetado à mulher.” (p. 3) Enfatiza-se, então, a concepção de que a mulher aprendia o que era necessário e conveniente para sua posição social, tendo a educação geralmente voltada para o interesse da classe dominante. Em outras palavras, os estudos não eram vistos como uma prioridade para as mulheres, porque estas seriam reduzidas tão somente à função de esposas, por meio da instituição do casamento, sendo delas retirado até mesmo o sobrenome que portavam, como forma de ressignificar a relação de poder existente entre homens e mulheres na sociedade (Butler, 2015).

Del Priore (2017) nos ajuda a compreender as diferenças encontradas na educação de meninos e meninas, ressaltando que o aprendizado das meninas era restrito aos ensinamentos relativos ao que seria necessário ao funcionamento do futuro lar, como escrever, ler, contar, bordar e coser. Somente aquelas que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música.

Esta subalternidade de um gênero perante outro contribuiu para que as relações de poder fossem constituídas ao longo dos anos (Priori, 2007) por meio da criação de estereótipos femininos e masculinos, pautados em princípios de dominação e submissão, de forma a estimular as relações desiguais de poder entre os gêneros.

4. A trajetória das mulheres na Ciência

Até o início do século XX a Ciência era vista culturalmente como uma carreira imprópria para mulheres, sendo reconhecida como uma atividade a ser realizada apenas por homens. Para Hayashi (2007) muitas mulheres foram e ainda permanecem excluídas das produções científicas, sendo possível perceber que a Ciência é masculina por meio da análise da produção do conhecimento realizada nos últimos 300 anos. Somente no século XVIII as mulheres passaram a ter acesso a esta área (Leta, 2003), ainda que de uma forma tímida em virtude da posição familiar ocupada por estas, por meio de práticas mais simples como criação de ilustrações ou tradução de experimentos e textos.

Schiebinger (2001) ressalta que a dificuldade de acesso das mulheres às carreiras científicas está relacionada à educação ofertada a homens e mulheres, em meio a uma estrutura social que é dirigida pelos interesses e poder masculino, na qual se torna ideal que a mulher se dedique apenas ao papel de mãe e dona de casa, ainda que esta atribuição venha a comprometer sua inserção e respectiva ascensão no mercado de trabalho. O próprio quantitativo de mulheres que estava nas escolas e faculdades era reduzido, embora algumas delas conseguissem conquistar espaço na academia. Destaca-se ainda que as mulheres que inicialmente atuaram na área científica geralmente tinham vínculos familiares com cientistas renomados de forma que “a ausência dessa ligação representava na prática a falta de oportunidades para integrar-se à comunidade científica.” (Hayashi, 2007, p.4)

Entretanto, ainda que em meio à invisibilidade feminina no mundo científico, algumas mulheres merecem destaque por suas descobertas e contribuições na área das Ciências¹, como por exemplo:

Sonja Ashauer- Nascida em São Paulo, já na adolescência contava com um minilaboratório montado pelo pai, no qual realizava experiências. Coursou Física pela USP, tornando-se bacharel em 1942. Participou de pesquisas sobre Mecânica quântica e calculou o coeficiente de absorção de radiação para o efeito fotoelétrico. Foi uma das primeiras doutorandas do sexo feminino da universidade de Cambridge, visto que até meados do século XIX as mulheres não eram aceitas na instituição. Concluiu seus estudos em fevereiro de 1948 com a tese “Problems on electrons and electromagnetic radiation”, cuja única cópia está em Cambridge. Faleceu no mesmo ano de conclusão do doutorado, quando já havia retornado para o Brasil.

Nettie Maria Stevens- Oriunda de uma família muito simples, viveu nos Estados Unidos e cursou o Mestrado em Biologia, dedicando-se ao estudo de novas espécies de vidas

¹Dados extraídos do site <https://cientistasfeministas.wordpress.com/tag/mulheres-na-ciencia/>

marinhas. Tornou-se Ph.D. em 1903, aos 39 anos e descreveu a diferença entre os cromossomos sexuais, por meio de observações em diversos animais. Stevens expôs que as células do besouro da farinha, *Tenebrio molitor*, eram diferentes entre machos e fêmeas, concluindo que essa diferença resultava na presença de material genético diferente, associado à diferenciação sexual. Sua descoberta possibilitou afirmar que a diferenciação sexual, em meio a vários fatores hoje conhecidos, estava relacionada ao par de cromossomos sexuais, sendo este o início da teoria da determinação sexual cromossômica, anos mais tarde sendo reconhecida como correta, nos possibilitando conhecer os cromossomos X e Y e ganhando espaço na área da genética.

Nettie Maria Stevens- Teve uma carreira curta, falecendo em 1912 de câncer de mama e nos deixando uma grande contribuição quanto ao entendimento do mecanismo genético de determinação sexual.

Trótula de Salerno- Considerada uma importante mulher na área da medicina, estudou doenças femininas e deixou vários escritos. Foi, inclusive, professora de um dos primeiros centros médicos de ensino que não era ligado à igreja. Entretanto, no século XX um historiador alemão a reduziu a parteira, invisibilizando todos os estudos conduzidos por ela até então.

Maria Goeppert Mayer- Recebeu juntamente a Eugene Paul Wigner e J. Hans Jensen, o Nobel de Física em 1963, ao propor um novo modelo de envoltório do núcleo atômico. Ainda assim, enfrentou dificuldades para ser contratada como professora na Alemanha e nos Estados Unidos.

Agnes Pockels- Desenvolveu em 1890 um conjunto de observações sobre tensão superficial da água, tendo enviado suas anotações para Lorde Rayleigh, que desenvolveu a teoria sobre o tema, recebendo também o crédito da descoberta.

Lisa Stern- Nascida na Rússia, se dedicou à área de Neurofisiologia, tornando-se reconhecida internacionalmente. Por meio de suas pesquisas, foi descoberta a estrutura da Barreira-hematoencefálica, que é conhecida como a estrutura diferenciada dos capilares do sistema nervoso que protegem o nosso cérebro e dificultam o acesso de substâncias estranhas a ele. Desenvolveu, ainda, estudos inovadores em fisiologia, tal como a descrição de descargas elétricas das células cardíacas, mecanismos do sistema nervoso central e autônomo e a fisiologia do sangue. Tornou-se a primeira professora mulher da Universidade de Genebra.

Aos 71 anos foi presa, no ano de 1950, juntamente a outros cidadãos russos, sob acusação de espionagem para os Estados Unidos. Ainda assim, Lisa continuou escrevendo

suas contribuições para a Ciência, durante e até mesmo após o exílio, vindo a falecer em 1968, tendo contribuído consideravelmente para o avanço da Neurofisiologia.

Expostos tais relatos, torna-se possível verificar que muitas mulheres contribuíram para avanços na Ciência ao longo de várias décadas, sendo geralmente esquecidas, como característica de um fenômeno social denominado como Efeito Matilda, onde embora o trabalho de uma mulher seja reconhecido, sua contribuição torna-se omitida ou desconsiderada, dando destaque a colegas, parceiros ou cônjuges que vieram a ter alguma proximidade com a pesquisa em si.

O conceito de efeito Matilda foi desenvolvido por Rossiter, sendo nomeado em homenagem à ativista Matilda Joslyn Gage, importante defensora dos direitos das mulheres no século XIX. Por meio do referido conceito torna-se possível compreender sobre o desconhecimento das contribuições femininas para a Ciência, visto que as descobertas e contribuições científicas realizadas pelas mulheres ao longo de muitos anos foram atribuídas aos homens, de forma que a própria autora em si era colocada em segundo plano ou apagada por completo. (Lisboa, 2014)

Este quadro expõe o processo discriminatório e excludente a qual a mulher teve que se expor caso desejasse alcançar espaço em áreas predominantemente masculinas, visto que pelo fato da Ciência ser representada como uma área masculina, sempre houve pouco espaço para as mulheres, deixando-as “à margem dos postos de maior poder, prestígio e responsabilidade em Ciência e Tecnologia.” (Hayashi,2007, p.6)

Torna-se necessário, então, dar visibilidade a estas questões, a fim de que a autoconfiança das mulheres seja despertada desde a mais tenra idade e estas sejam estimuladas e respeitadas em suas escolhas no campo profissional. Embora esta não seja uma tarefa fácil, devemos nos empenhar na desconstrução de uma cultura que trata homens e mulheres de forma diferente, fazendo uso de determinação e esforço coletivo para reverter esse cenário.

5. Considerações Finais:

Por meio de ampla pesquisa torna-se possível perceber que desde os tempos mais longínquos a função de homens e mulheres foi definida com a finalidade de representar papéis previamente determinados pela sociedade, em que à mulher era destinado zelar pela casa e família e ao homem atribuía-se a responsabilidade de prover o sustento da família.

Destaca-se que embora a mulher lentamente tenha se inserido no mercado de trabalho, a sociedade permanece culturalmente preservando os mesmos valores, de forma que algumas áreas acadêmicas e do mercado de trabalho ainda são vistas como estritamente masculinas.

A Ciência, por exemplo, é associada à uma prática masculina, enquanto resultado desta construção de papéis sociais determinada pela classe dominante e estimulada pela família e escola, utilizando-se do determinismo biológico para hierarquizar indivíduos e reforçar as diferenças entre homens e mulheres.

Ainda assim, mesmo que em meio a uma caminhada cercada de preconceitos e raras práticas de estímulo quanto ao ingresso da mulher no meio científico, esta vem avançando em áreas antes dominadas por homens e modificando a percepção que foi socialmente construída de que a capacidade feminina seja limitada.

Mesmo sendo um campo altamente elitizado e com prevalência masculina, as mulheres começaram a ocupar timidamente este espaço, travando uma grande batalha para romper as discriminações impostas socialmente e contribuindo para grandes avanços no campo científico.

É por meio do gênero que as relações de poder se estabelecem, restringindo o acesso da mulher às Ciências, como consequência de um processo discriminatório construído historicamente e que até os dias atuais tem dificultado o ingresso desta nas áreas ligadas às Ciências e, ainda, aos cargos de maior prestígio. Restam, portanto, muitos desafios a serem enfrentados no sentido de diminuir a desigualdade entre homens e mulheres, pois mesmo após inúmeras pesquisas e descobertas importantes, as mulheres permanecem quase invisíveis na história da ciência, sendo necessário olhar de forma mais crítica para as relações de gênero que se estabelecem neste meio. Torna-se, ainda, imprescindível o reconhecimento de que a mulher é capaz de ocupar os mesmos espaços ocupados por homens na sociedade.

Neste sentido, abordar a temática de gênero nas escolas e universidades, enfatizando os preconceitos existentes nas relações sociais e a necessidade de enfrentamento a estes, é de suma importância para compreender que a Ciência foi moldada com base no patriarcado e por isso as mulheres que resolveram ingressar nesta área enfrentaram e continuam enfrentando obstáculos ao longo do tempo, nem sempre tendo reconhecimento quanto aos trabalhos realizados e nem mesmo sendo citadas como referência ainda na atualidade.

A partir desta discussão acreditamos ser possível contribuir para o enfrentamento das desigualdades verificadas, propiciando que homens e mulheres atuem num ambiente mais igualitário, no qual as oportunidades de se destacar profissionalmente se dêem de forma equilibrada e justa.

Referências

Barroso, C. (1982). Mulher, sociedade e estado no Brasil. Ed. Brasiliense, Brasília.

Bourdieu, P. (1999). A Dominação Masculina. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

Butler, J. (2015). Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

Del Priore, M.; Pinsky, C. B. (2017). História das mulheres no Brasil. 10.ed. Contexto, São Paulo.

Ferrand, M. (1994). A exclusão das mulheres na prática das Ciências. Uma manifestação sutil da dominação masculina. Estudos feministas, Santa Catarina: 358-367, 1994. Acesso em 02 de Junho de 2019. Disponível em <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16169/0>

Hayashi, M.C.P.I. (2007). TransInformação, Campinas/SP, 19(2): 169-187, Maio/ago.,2007. Acesso em 05 de Junho de 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v19n2/07.pdf>.

Jodelet, D. (2001). As representações Sociais. UERJ, Rio de Janeiro.

Leta, J. (2003). Como mulheres na Ciência brasileira: crescimento, contraste e um perfil de sucesso. Estudos Avançados, São Paulo, 17 (49): 271-274, dez/2003.

Lisbôa, G. (2014). Mulheres cientistas, por que ainda são poucas? Rio de Janeiro. Acesso em 25/05/2019. Disponível em: <http://www.andefes.org.br/ufrj-mulheres-cientistas-por-que-ainda-sao-poucas/>

Moscovici, S. (2003). Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social. 5. ed. Vozes, Petrópolis/RJ.

Priori, C. (2007). Retratos da violência de gênero: denúncias na Delegacia da Mulher de Maringá. Eduem, Maringá/Paraná.

Saffioti, H.I.B. (2015). Gênero, patriarcado, violência. 2.ed. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

Severino, A.J. (2007). Metodologia do trabalho científico. 23.ed. Cortez, São Paulo.

Schiebinger, L.(2001). O feminismo – mudou a Ciência? Edusc, Bauru/ SP.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre.

Silva, J. A.; Sales, L. C. (2000). Representações sociais de meio ambiente construídas por alunos de 8ª série do Ensino Fundamental. Linguagens, Educação e Sociedade, 5 (5): 11-23, 2000.

Veronese, M. V.; Guareschi, P. A.(2007) Psicologia do Cotidiano: Representações sociais em ação. Petrópolis, RJ: Vozes, Petrópolis/RJ.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Anaquel Gonçalves Albuquerque- 50%

Alcina Maria Testa Braz da Silva- 50%